

AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

PROCURE SEMANALMENTE
NAS BANCAS DE JORNAES

Toda a glória de viver
Das gentes é ter dinheiro
E quem muito quiser ter
Cumpra-lhe de ser, primeiro,
O mais ruim que puder.

GIL VICENTE — Obras I, 51

ANO I

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 16 de Maio de 1946

N.º 5

Democracia integral e não corrida aos postos de representação e mando

No que se refere à democracia, cabe aqui a velha imagem da ave que ressurgia das próprias cinzas para nova vida. De fato, a democracia emerge dos destroços do fascismo e, irrompendo através da esterqueira da derrocada revolucionária, apresenta-se no cenário da vida brasileira para se impor como preocupação de todas as consciências que não sofreram a corrosão da tirania.

Por toda a parte e por todos os meios possíveis, reclama-se o retorno da democracia, sobre cujo cadáver o fascismo se vangloriou de ter feito passar suas hordas de bandidos.

Tão premente é essa conclamação que nela se confunde a vozaria de elementos que, ainda ontem, direta ou indiretamente, faziam côco com os áscetas do totalitarismo!...

Tal movimento não nos veio surpreender. E não seremos, por certo, nós, os anarquistas, que lhe teremos de dar adesão. Encontrou-nos na estacada, atentos e operantes, no nosso posto de combate, na mesma trincheira de sempre, lutando contra todas as opressões, na defesa de todas as liberdades que a democracia deve condensar, alimentar e impor ao respeito geral. Mas, para que espécie de democracia é conclamado o povo brasileiro? Será para a democracia de concepção eleitoral, das pessoas que dela se utilizam por espírito de vaidade pessoal ou para conquista de postos de mando? Daqueles que, invocando a defesa dos interesses do povo, se locupletam com os dinheiros públicos, exercem a advocacia administrativa e se envolvem em mil negociações, almejando apenas o seu bem estar! Para a democracia que cria e alimenta o burocratismo corruptor ou que serve de elemento de domínio de partidos sem outra finalidade que não seja o exercício de predominância na administração pública?

Não! Certamente não!

Essa é a falsa democracia que permitiu a crítica dos elementos fascistas e, aos menos avisados, a aparência justificativa da implantação do regime totalitário.

A verdadeira democracia é a que respeita sua significação histórica, a democracia integral, isto é, social, que reflete a aspiração instintiva do direito a uma existência livre de toda opressão política ou econômica, a democracia mercê da qual o povo em geral terá o seu quinhão de bem estar, de paz e de alegria, hoje privilegiado apenas de minoria.

A democracia a que aspiram consciências sãs e pela qual a humanidade sangrou na mais tremenda de todas as guerras, sacrificando a fina flor da mocidade, não é essa deturpação política com que vem ela sendo mascarada, no tempo e no espaço, pelos potentados que reclamam a liberdade de usar e de abusar da engrenagem legislativa e governamental movido apenas pelo interesse dos seus corrilhos políticos.

Não! Semelhante democracia, nefasta pelos seus maléficos reflexos, foi a causa do aparecimento de todos os fascismos, sob rótulos vários, mas todos com a mesma essência liberticida.

Igualmente, não pode ser considerada como expressão da democracia a ação parlamentar, que não passa de simples instrumento de prática política em regime pseudodemocrático.

A democracia que estabelece a igualdade sem conteúdo econômico é uma democracia claudicante e o direito por ela proclamado apenas em caráter político, rigorosamente analisado, é apenas um direito teórico.

A democracia deve estar no cerne da organização social do país, consubstanciando todos os direitos e todas as liberdades tendentes a facilitar a mais ampla expansão da vida individual e coletiva dos brasileiros.

A democracia que, por certo, há de surgir dos escombros sangrentos e fumegantes da imensa convulsão que infelicitou a humanidade, fazendo com que nos esqueçamos das torpezas deste tenebroso período, felizmente em derrocada, será uma democracia que signifique igualdade social e, pois, abolição de todos os privilégios políticos e econômicos, de todas as desigualdades sociais entre os brasileiros.

Democracia exprime liberdade não circunscrita a determinada classe, partido, grupo ou indivíduo; mas, sim, liberdade ampla, sem entraves, sem instrumentos, diretos ou indiretos, de compressão, de liberdade para todos, indistintamente.

Democracia quer dizer fraternidade; ora, quem diz fraternidade diz, por outra, que a vida individual e coletiva dos brasileiros deve ser organizada de tal maneira, que a felicidade de uns não confine na infelicidade dos demais. Para consecução, portanto, desse desiderato, é mister que não haja quem, gozando de regalias e privilégios, se atire até ao supérfluo, ao passo que a maioria, embora dê à coletividade todas as suas energias e esforços, se vê condenada a uma existência de privações e tormentos.

Democracia, finalmente, é o regime do povo, pelo povo e para o povo, e não prerrogativa de determinadas classes ou partidos, incumbindo ao povo orientar, diretamente, seus próprios destinos, tanto na organização da produção, da distribuição e do consumo, como na administração geral do país, de forma que se proporcione toda sorte de bem estar e liberdade a todos os brasileiros.

Essa é a democracia que está contida nas bases dos princípios anarquistas e pela qual batalhamos todos os libertários.

EDGARD LEUENROTH

Os Conselhos de Guerra de Franco constituem a maior monstruosidade jurídica de todos os tempos tal a crueldade que empregam no julgamento dos processados por delitos políticos aos quais é negado todo direito de defesa.

São esses tribunais compostos de 5 membros: presidente, dois vogais, o acusador — que tem o noi, e de fiscal — e um advogado nomeado pela própria autoridade militar sem que o réu tenha o direito de recusá-lo.



Não podem existir testemunhas de defesa, e, mesmo que elas fossem permitidas, ninguém acudiria ao tribunal para defender um anti-franquista, o que provocaria fatalmente vingança cruel das hordas falangistas.

O fiscal que atuava nos processos de Sevilha, chamado Fernandez y Fernandez, mais conhecido pelo nome de *Manquilo*, terminava sempre a sua terrível acusação com estas palavras: "— Que Deus me perdoe! porém peço para o processado a pena de morte —". Depois, inclinando a fronte, fazia humildemente o sinal da cruz.

O advogado, falangista também como os demais componentes do tribunal, terminava sempre a sua defesa, que só podia durar 10 minutos, com este apelo que já se tornara simbólico: "Eu peço ao tribunal um pouco de clemência para o processado".

Garrote vil e pronta execução

A morte por garrote vil consiste no estrangulamento, não por corda e sim por um método mais cruel, que é uma argola de ferro colocada na garganta do condenado e presa a uma viga

ESTAMPAS DE ESPANHA

III

Por MANOEL PERES

DUAS PENAS DE MORTE

de madeira; da viga pende um torniquete ao qual dá volta o vil, o processado sabe que está fatalmente perdido já que seu crime é considerado tão grave, que não existem para ele possibilidades de indulto.

Eles vão confessando...

Classe Operária, órgão central do Partido Comunista do Brasil, publica em primeira página, bem visível, no número de 1º de maio, o seguinte, sob o título:

Os operários soviéticos corrigem os maus diretores de fábrica:

TRUD, o órgão oficial do Conselho Central dos sindicatos da URSS, anunciou que o Sindicato Soviético dos Trabalhadores em Eletricidade ordenou uma paralisação temporária dos trabalhos numa fábrica, após uma tentativa inútil de obter melhoramento das condições de trabalho. O Sindicato acusou o diretor do estabelecimento de não ter cedido as suas exigências de construção de um sistema de ventilação e providências para a segurança do operário.

Um editorial do TRUD, chamando a atenção para o fato, declara que "já é tempo de pôr fim a isso", aduzindo: "O diretor da fábrica deve atender às exigências da opinião pública. O presidente do Comitê do Sindicato na fábrica deveria também mostrar maior insistência, principalmente sendo um assunto que diz respeito à melhoria das condições de trabalho e vida dos operários".

O diário sindical também chama a atenção para a atitude "grosseira" do diretor de um estaleiro de construção de navios e declara que, quando o comitê

Sindicato no estaleiro lhe pediu que dispensasse um auxiliar "ainda mais grosseiro", ele recusou, dizendo que isso era uma diminuição da sua autoridade de diretor; o TRUD comenta que esse diretor continua no mesmo posto. Os sindicatos soviéticos, entre outras coisas, têm a atribuição de zelar pelo bem estar dos seus trabalhadores e recomendar a correção de quaisquer condições de trabalho impróprias. Aos que afirmam não ser a Rússia o tal paraíso dos trabalhadores, xingam os comunistas de reacionários para baixo. Agora, essa notícia veiculada pelo jornal deles dá margens a observações curiosas:

a) No paraíso soviético há fábricas em más condições de Trabalho, sem ventilação, sem seguranças do operário.

b) Nesse paraíso o sindicato exige providências ao diretor, mas sua tentativa é inútil, continua tudo no mesmo.

c) No paraíso, não há quem chame à ordem o diretor e o sindicato ordena paralisação dos trabalhos, isto é, greve, embora parcial.

d) O TRUD, órgão oficial, diz que "já é tempo de pôr fim a isso", quer dizer que isso está sendo um caso comuníssimo. Demais, isso resulta de relaxamento na direção, mas também de relaxamento do presidente do Comi-

tê do Sindicato, o qual presidente não insistiu devidamente.

e) A prova de ser isso comum está no outro caso no mesmo jornal citado: a grosseria do diretor de um estaleiro. Recusou-se a demitir um auxiliar ainda mais grosseiro, alegando ser isso diminuição da sua autoridade! Pois o diretor, com grande zanga do TRUD, continua no posto.

E continuará, dizemos nós, se tiver as costas quentes, ou por outra, se for empistolado.

Pergunta-se, e perguntamos aos iludidos operários brasileiros, que diferença faz desse regime autoritário para o regime de qualquer outro país, do nosso, por exemplo.

Outrora, aqui, como em todo país com sindicatos de resistência organizados, os diretores de fábrica, os proprietários quaisquer eram forçados pelos sindicatos a satisfazer suas exigências. Digam-nos os donos de padarias, aqui no Rio, aí pelos anos 1917 e 1918.

"Já é tempo de pôr fim a isso"! clamamos nós por nossa vez, mais o isso, agora, é a tirania comunista sobre os trabalhadores russos. E, certamente, o brasileiro revolucionário há de estar-se reatando a estas horas, sob o borralho soviético.

A revolução na Rússia é fatal como nos demais países totalitários: Espanha, Itália, Yugo-Slavia e companhia.

Dois penas de morte

Pode parecer ironia, porém é uma realidade a existência, na justiça franquista, de duas penas de morte para um mesmo réu, o que acontece quando o fiscal julga que o crime merece duas vezes a morte. Neste caso, o processado sabe também que não tem salvação pois o *Caudillo* tem atribuições, de acordo com a lei, para indultá-lo de uma pena de morte, mas, como ele foi condenado a duas, a restante é suficiente para levá-lo ao pelotão de fuzilamento.

Finalmente, quando o fiscal entende que o processado só merece uma pena de morte, este volta à prisão com alguma esperança já que esta pode ser comutada para 30 anos de trabalhos forçados.

O mais terrível é que o processado para quem foi pedida a pena de morte pelo fiscal, regressa à prisão sem saber se ela foi ou não confirmada pelo tribunal, começando então para o infeliz um calvário verdadeiramente doloroso.

Algumas vezes, muito poucas por certo, dois, três ou quatro meses após o julgamento, o processado recebe a agradável notícia de que a sua pena de morte foi comutada para 30 anos de prisão.

Na maioria dos casos, a altas horas da madrugada, o condenado à morte ouve um golpe seco na porta do cubículo; um guarda chama-o pelo nome e ele sente um estremecimento de horror. Chegou a hora fatal.

Depois

Passos lentos pela galeria, o ruído de um auto que parte veloz a caminho do cemitério sobre cujos muros vai ser fuzilado um irmão querido pelo grande crime de ter lutado pela causa da justiça e da liberdade humana.

DOCTRINA

DOIS CAMINHOS

DO LIVRO «ALFORRIA»

Tornamos a repetir o que já temos dito muitas vezes. É preciso que nos decidamos, de uma vez por todas, a escolher o caminho que devemos seguir. De um lado está o Estado, quer dizer, o capitalismo, que subentende a guerra, desocupação, esgotamento dos produtos por pesadas cargas fiscais e pelas perseguições ao pensamento e às suas ações livres; de outro lado, a socialização da economia, entendimento direto dos produtores para regular a produção e distribuição segundo as suas necessidades, sem tributos ao Estado, sem benefício de empresa, sem interesse de capital, sem arrendamento das terras, ou seja, sem o parasitismo econômico político e social, sem trabalhos improdutivos e socialmente prejudiciais, sem ameaça de morte prematura pela fome, pela guerra, pelo aniquilamento. Um desses caminhos precisamos escolher.

E quiséramos que os que todavia vivem de ilusões ditatoriais, de mitos de governos proletários, compreendessem já, pois é hora, que o capitalismo de Estado não equivale à supressão do capitalismo nem conduz a outra coisa mais que a uma reanimação passageira do capitalismo; que o governo "do proletariado" não é mais que um governo como qualquer outro, pior todavia, porque liga espiritualmente às suas instituições os trabalhadores com a esperança de soluções impossíveis.

Há uma estrada diferente, a nossa, a da socialização e acordo mútuo dos produtores, de todos os produtores que de fato o sejam, de todos os consumidores, à margem de suas idéias religiosas, políticas e sociais, pois todos têm o mesmo interesse básico: **Entrar**

na posse do produto de seu trabalho. E como todos os produtores aspiram a isso, pouco importa se há quem creia em Deus ou no Diabo, pouco importa se são religiosos ou ateus, católicos ou protestantes, conservadores ou socialistas. Nós propomos a única solução que pode realizar esse ideal dos que trabalham: o ideal da posse do produto íntegro do seu esforço, só possível em uma economia socializada. (1) Por esse caminho o mundo se converterá em uma alavanca de energias produtivas e mostrará a senda que conduz à liberdade e à felicidade, ao aproveitamento pleno da ciência e da técnica para prosperar e progredir até o infinito. Se todos refletissem um pouco, veriam que,

até mesmo o patriotismo, precisa tomar o caminho da socialização, que é o caminho da vida, do trabalho de todos e para todos, da segurança geral.

Diego A. de Santillan

Nota — O autor, com o termo *socializada* e, *socialização*, quer significar a economia em comum, produção comum, distribuição comum, consumo comum, economia *andruica*, portanto. Devemos dar esta explicação porque esses termos estão adulterados pelos fascistas, brancos e vermelhos, para indicar a economia do Estado Totalitário. Falam em *socialização* quando é o Estado que anda *socializando* em seu proveito. Isso não é *socialização*, é *capitalismo estatal*.

NÃO APOIADO!

Pelo DR. SATAN

«Churchill prevê um período fatal para o mundo se as democracias não chegarem a um entendimento com a U. R. S. S.». Depois do deão de Canterbury e do embaixador ianque Davies, só faltava dar a sua adesão ao imperialismo russo o homem que comandou a destruição da Casa dos Anarquistas em Londres e dos Ellas na Grécia.

«Fechado o MUT pela polícia de S. Paulo e impedido o funcionamento da Comissão Sindical». Mas, então, que fazem no parlamento os representantes do Partido Comunista?

«A polícia prendeu o famoso esboço e gatuno *Carvalhinho* que, há muito era procurado». Quando

prenderá a polícia os outros... que não precisa procurar?

«O burlão que apanhava dinheiro à muita gente fazendo-se passar por padre foi preso em flagrante quando tentava passar o conto do vigário aos frades do convento de Santo Antonio, que o entregaram às autoridades». Enganar um padre!... só outro padre.

«Hoje (dia 3 de maio) a data da Civilização e da Liberdade». Há um ano, estava definitivamente esborado o sistema das forças nazifascistas. Que dirão a isso os povos espanhol, português, hindu, russo e outros?

Está em Roma o cadáver de Mussolini. Não está só: também

FALA MAKHNO'

Damos hoje mais uma das falas de Nestor Makhno aos companheiros propondo a criação de uma **União dos Camponeses** capaz de se opor ao **Comitê Comunal de Kerensky**. É uma lição mestra de ação direta.

Vejo nisso a negação dos direitos do Governo de Coalisão e do princípio mesmo de seus Comitês Comuns. Além disso, caso tenha êxito nossa ação nesse rumo, levaremos os camponeses e operários a compreender esta

verdade: só eles, conscientes do seu papel revolucionário, poderão encarnar, fielmente, a idéia da autonomia, sem tutela de partidos políticos ou de governo.

É o momento mais propício para nós, anarquistas, de encarar praticamente, embora com muitas dificuldades e quicá não poucos erros, a solução de toda uma série de questões de atualidade e de futuro, às quais se liga, de um modo ou de outro, a realização do nosso ideal.

Deixar fugir este instante seria imperdoável erro do nosso grupo que, assim, se separaria da massa dos trabalhadores. E isso é o que mais devemos temer, porque, separar-nos dos trabalhadores em tal momento, equivaleria a desaparecer da luta revolucionária e talvez até, em certos casos o que seria pior, a forçar os trabalhadores ao repúdio às nossas idéias, idéias a que eles estão vindo e virão sempre mais se permanecerem entre eles, se com eles caminharmos para a luta e a morte ou para a vitória e a alegria.

Tais palavras devem ressoar hoje como ressoaram na Ucrânia. Cumpra a nós, anarquistas, aproximar-nos do Trabalhador, procurá-lo onde estiver e abrir-lhe os olhos mostrando-lhe os três inimigos que o desviam do seu método tradicional de defesa. Apontemos-lhe o Estado com seu Ministério do Trabalho, o político, o partido com seu chefe e seus cheletes, e a Igreja com seus padres e beatos e digamos-lhe: *Cuida de ti, organiza-te como estavas organizado antes da ditadura, em sindicatos livres. Defende-te tu mesmo e corre com todos esses embusteiros e tiranos!* Anarquistas! Ensinemos o que Makhno pregava: a **ação direta!!!**

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147. A-2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

lá estão o Papa e o novo rei Humberto

«O governo de Salazar iniciou o combate ao mercado negro». Todavia, diariamente, se torna mais negro o ambiente em Portugal, enegrecido pelo negrume das sotaínas, sob as quais o sinistro pupilo da Companhia de Jesus foi gerado e nutrido.

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

(Continuação do numero 4)

18 — *A moeda* — Para facilitar quanto possível a transmissão e o acúmulo, o Estado possui um instrumento precioso: a *moeda*. A moeda é um objeto resistente, de grande valor em pequena massa maleável. Ela serve de padrão aos demais valores permutáveis. A substância universalmente aceita, por preencher melhor as condições de moeda, é o *ouro*. Para menores valores, servem também a *prata*, o *níquel* e o *cobre*. Assim, sendo eu produtor de café, se pretendo adquirir roupas, não vou ao produtor de roupas com sacos de café, mas com moedas de ouro correspondentes ao preço do café necessário para a aquisição das roupas.

19 — *A moeda-papel* — Entretanto, como seria incômodo andar pelas ruas com sacos de moedas, o Estado, ou certos possuidores, com licença do Estado e por ele fiscalizados, imprimem *notas* de papel que circulam de mão em mão, como se fossem ouro. Essas notas, com efeito, representam o ouro que ficou em depósito no tesouro nacional ou nos bancos dos possuidores.

20 — *Os bancos* — Nas grandes transmissões ou nas transmissões entre países, ainda seria incômodo usar as notas de papel, pelo trabalho de estar a contá-las e trocá-las. Por isso, o Estado ou alguns possuidores agrupados, ocupam-se do serviço de inter-

mediários na transmissão de dinheiro. As casas por eles fundadas chamam-se *bancos*. Em vez de transmitirem dinheiro, transferem ordens de pagamento, *cheques* ou *cambiais*. Por esse meio, pode-se *emprestar* dinheiro, isto é, quem precisa de capital móvel, facilmente transmissível, vai a um banco onde outros indivíduos a quem sobra esse capital o depositaram para empréstimos. Dadas as *garantias*, levanta esse capital comprometendo-se a pagá-lo em certo prazo e mais uma porção chamada *juros*.

21 — *A feição financeira* — O papel desses bancos, no sistema capitalista, avultou tanto, que, modernamente, criou nova feição de Estado, a *feição financeira*. Com efeito, os bancos, facilitando enormemente a transmissão e, portanto, o enriquecimento, permitem que um pequeno possuidor, por meio de empregos hábeis do seu modesto capital, se torne, em prazo mais ou menos curto, grande possuidor; mas, sobretudo, e é esta a sua maior missão, serve aos grandes proprietários, aos *banqueiros*, de poderosa máquina de rapinagem e agiotagem internacional.

22 — *A agiotagem* — Tudo quanto se cobra além do seu real valor de produção é *ágio*. Os juros de um empréstimo são *ágio*; o lucro de um comerciante é *ágio*; as luvas dadas pelo locatário de um

prédio são *ágio*, como *ágio* é o excesso auferido nas sublocações. A palavra *ágio* quer dizer *aumento* ou *majoração*. Para os nossos fins, definiremos mais amplamente *ágio*: todo ganho obtido sem trabalho ou por trabalho não produtivo. O tipo de agiota é o *prestamista*, o onzeneiro. A caça ao *ágio* denomina-se *especulação*. Essa especulação degenera frequentemente em formidáveis rapinagens, como veremos.

Consoante nossa definição, há indivíduos verdadeiramente agiotes que nunca especulam com dinheiro. São todos aqueles que, embora não especulem, servem aos especuladores e cuja profissão só existe por ser útil aos grandes possuidores agiotes. Assim, os advogados, tabeliães, juizes, soldados, deputados e senadores, padres e prostitutas, todos quanto não concorrem para a produção, cuja atividade serve apenas para manter a agiotagem dos possuidores, são igualmente agiotes. Seu ganho é, na realidade, um *ágio* à produção; seus lucros, em última análise, vão encarecer, *aumentar o preço dos produtos*.

Onde há propriedade particular, há agiotagem.

O regime social em que vivemos, a *arquia*, é o regime da agiotagem. A *anarquia* é o regime social *sem agiotagem*. E como

tudo agiota é *parasita*, a anarquia é o regime social sem parasitas.

23 — *A bolsa, os craques* — Quando um indivíduo ou grupo de indivíduos pretende fundar uma empresa ou companhia para explorar certo negócio, se não possui todo ou parte do capital necessário, emite *ações*, quer dizer, anuncia a outros possuidores, grandes ou pequenos, com sobras de dinheiro, seu projeto, pedindo-lhes certas quantias, alardeando as vantagens do negócio, prevendo lucros ou *dividendos* convidativos.

Cada possuidor que empresta recebe certo número de *ações* com as quais pode comerciar ou especular, vendendo as conforme seu valor na praça. Se a empresa é bem sucedida, as *ações sobem*, são compradas por mais do seu *valor nominal*, dão *ágio*, pois o comprador faz um bom negócio de capital. Se a empresa é mal sucedida, as *ações descem* e sua venda vai dar prejuízo ao acionista.

O comércio dessas ações chama-se *bolsa* e os homens encarregados desse comércio, *corretores*.

Acontece, porém, que os acionistas, sobretudo os pequenos, pessoas afastadas do torvelinho comercial, professores, funcionários, empregados, lavradores, etc., não podendo acompanhar os mo-

vimentos do mercado internacional, são incapazes de fiscalizar as companhias e seus diretores. Muitas vezes, as companhias são lançadas por banqueiros, homens profundamente conhecedores dos negócios internacionais e em cujas mãos se acha toda a máquina da agiotagem.

Pode suceder que as companhias, nada conseguindo, abram falência e os acionistas percam todo ou quase todo o seu capital. Sucede também, muitas vezes, que um grande banqueiro, por meio de notícias falsas nos jornais, telegramas tendenciosos, propaganda sorrateira, desprestige determinadas ações ou sobre elas consiga lançar tremenda desconfiança. Dá-se *pânico*, todos correm à bolsa para vender suas ações, o valor delas cai, e, chegadas a nível bastante baixo, o tal banqueiro as compra todas, ganhando, sem esforço, centenas de contos.

Por vezes, dois banqueiros abrem luta, dá-se batalha no jogo das ações, ou *jogo da bolsa*, e um deles consegue vencer o outro. Este outro abre falência e arrasta consigo todos os banqueiros seus clientes, companhias, negociantes, pequenos possuidores, pois o banqueiro jogou, não somente com seu dinheiro, mas com o dinheiro confiado à sua guarda. Dá-se então um *craque*, ou grande falência com outras falências forçadas de casas e companhias prósperas.

(Continúa)

MOVIMENTO ANARQUISTA

É PRECISO SER FORTE TUMULTO NA ITÁLIA

(traduzido de *Freedom*, 25-1-19. pag. 1)

P. FERREIRA DA SILVA

Sabemos que a força tem sido usada como agente dominador em todos os tempos e em todas as atividades humanas. Por isso se condena a força bélica empregada na conquista, a força econômica usada como especulação, a força física agressora, a força como poder do homem sobre o homem.

No entanto, a força é necessária quando significa energia a serviço do progresso e dos agentes criadores — o indivíduo ou a máquina, que transformam energias potenciais em riqueza comum.

Só o abuso da força ou o desvio da sua finalidade natural pode ter efeitos prejudiciais.

Interessa muito aos trabalhadores cultivar a sua força e, como existem trabalhadores cuja atividade profissional tende a atrofiar certas funções musculares, o exercício físico recomenda-se como compensador e a prática dos desportos é um meio de equilíbrio orgânico.

Tanto como o adestramento intelectual pela leitura e pelo exercício do pensamento, deve-se praticar o exercício físico afim de aprimorar o organismo e obter dele um funcionamento sadio.

Pelo fato do atleta ou do ginasta abusar da sua superioridade para disputar melhores e lugares em prejuízo dos indivíduos menos desenvolvidos, não devemos condenar a agilidade do ginasta nem a força do atleta. Apenas faremos obra de profundo benefício social influndindo para que todos reconheçam o direito do próximo e não abusem de qualidades ocasionais em seu poder, mas susceptíveis de serem igualmente adquiridas pelos outros indivíduos.

Com a falta de educação adequada, o forte sente-se tentado a abusar do fraco. A reação deste, quando é pronta e ousada, pode intimidar o forte ou provocar um choque desigual; quando é íntima e sofredora, faz-se cobardia e humilhação.

O encontro de forças iguais ou equivalentes tem quase sempre consequências mais graves. Não se diga que esse equilíbrio ajuda a manter cada um no seu lugar, porque isso só acontece na hipótese dos fortes serem apenas aparentemente fortes, mas, no fundo, medrosos, receando a força contrária. E então não podemos considerá-los fortes.

Há muitos exemplos que não

ficam mal aplicados aos conflitos latentes entre as potências imperialistas. A anedota dos valentões que se fecharam num quarto escuro, armados, para uma luta cega e mortal, é bastante típica. Em vez de se atacarem, cada um deles teve medo e ficou encolhido num canto.

Na verdade, o atleta comete um ato de abuso de força quando emprega os seus músculos para se apossar de coisas ou lugares que outros pacificamente desfrutam. O ginasta incorre na mesma prática censurável quando se serve das suas qualidades pessoais para tomar antecipadamente lugar num bonde, arrebatando-o aos que esperam ordeiramente no ponto de parada, ou ainda aquele que faz pressão para deslocar os outros, afim de tomar lhes o lugar mais cômodo.

Se é nocivo esse uso da força, urge corrigir o defeito de educação, da educação eslicercada em conceitos de posse e de competição, de luta pela vida sem respeito ao semelhante, como se fosse humano eliminar os concorrentes ou admissível aplicar à nossa espécie certos processos instintivos dos irracionais.

Mas a força é necessária, como o seu desenvolvimento em benefício do progresso, da produção de bens comuns e do seu aumento vital.

Os trabalhadores devem esforçar-se pela conquista de melhores condições de vida, porque a fome

Congresso dos anarquistas ingleses

(Conclusão da página 4)

ideais do Anarquismo não morreram. O ressuro de nosso movimento na Itália e na França, e a contínua atividade dos nossos camaradas na Espanha de Franco, são garantia de que a voz da liberdade jamais se extinguirá. Asseguramos nosso apoio a todos esses grupos de homens livres na fundação de uma forte organização internacional de anarquistas militantes.

Ação Direta, em nome dos anarquistas brasileiros, certa de que interpreta o desejo de todos, retribui aos anarquistas ingleses os sentimentos de fraternidade e mútuo apoio na gigantesca e desigual luta contra os Golias capitalistas, brancos, pretos ou vermelhos.

Administração

1 — **Ação Direta**, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de **Ação Direta**.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de **Ação Direta**, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.

não lhes permitirá, de modo algum, aplicarem-se com a necessária eficiência nas tarefas da produção, que exigem força física e saúde. É preciso ser forte para ser útil à sociedade.

Só tornando-se fortes trabalhadores desempenharão integralmente o seu papel social. Coletivamente fortes para terem a consciência do seu valor. Individualmente fortes para constituir, como elementos sadios, uma coletividade cujos valores possam fundir-se no objetivo comum da sociedade humana: uma vida elevada, identificada com a natureza, bela pelo sentimento, nobre pela inteligência, grande pelo amor.

O povo italiano está-se rebelando contra as trágicas condições que a "libertação" e a paz lhe trouxeram. De Milão a Palermo, conflitos se dão em toda parte. Os mais violentos de seus protestos são os de prisioneiros de guerra que voltam e só encontram desemprego, falta de alimentação, combustível e transporte e é, no sul da Itália, onde a miséria é maior, que o desespero é mais geral.

Em 20 de Janeiro, os jornais noticiaram (embora a maioria deles ignorasse ou desse pouca importância às notícias) que, na cidade calabresa de Cantazaro (S. E. da Itália), ex-prisioneiros de guerra e trabalhadores das vizi-

nhanças se reuniram em longa coluna e marcharam em direção à Prefeitura. Foram ao foro, depois à Alfândega e à Cisa, Correio e escritórios de Comissões agrícolas. Lançaram pela janela móveis, papéis e livros e encheram os escritórios de gritos por "trabalho" e "pão". O discurso do prefeito, prometendo subsídio especial de 1.500 liras aos ex-combatentes, não conseguiu pacificá-los. É preciso lembrar que um litro de óleo custa 600 liras e um quilo de açúcar 12.000.

No mesmo dia, houve tumultos em Palermo, na Sicília e, dois dias mais tarde, quatro mil ex-prisioneiros de guerra e trabalhadores tentaram tomar a Prefeitura de Nápoles e foram parcialmente bem sucedidos. Quando o Prefeito apareceu no balcão da Prefeitura, foi recebido com assobios e gritos, pedindo trabalho.

Os demonstrantes destruíram, então, uma exposição dedicada aos ex-prisioneiros de guerra. Tentaram, depois, saltar, o Banco da Itália, mas a polícia atirou contra eles. Toda reunião de mais de cinco pessoas foi proibida em Nápoles.

Em Milão a polícia Amgot interveio ao lado da polícia italiana, apesar do fato de que a A. M. G. já deveria ter deixado de inspecionar a Itália.

O correspondente do "Manchester Guardian" noticia que há dois milhões de desempregados na Itália, atualmente, e que os prospectos de trabalho são extremamente medíocres, dada a falta de carvão e matérias primas. Enquanto os homens estão desempregados, mulheres e crianças, de oito e dez anos, trabalham o dia inteiro para ajudar na despesa da família, aumentando, com isso, ainda mais, o desemprego.

Esperantistas!

Anuncia-se o próximo aparecimento de mais um jornal esperantista, "La Nigra Flago" (A Bandeira Negra), que se pretende seja o órgão de relação dos anarquistas de todo o mundo. A assinatura anual custa 100 francos. Os interessados devem dirigir seus pedidos para: Camus Paul — 95, rua de Longwieu — Dijon — C. C. P. 975.22.

TRABALHADOR!

Votaste, provavelmente, para eleger um ou mais deputados às Câmaras! Votaste num partido! Esse partido asseverava que iria cuidar dos teus interesses nas ditas Câmaras.

Pois bem! Aconselhamos-te a acompanhares bem, de perto, pelos jornais, o que fazem os senhores deputados nas ditas câmaras. Uma cousa é certa: recebem, no fim do mês, seus quatorze contos de ordenado, umas sete ou oito vezes mais do que tu arrancas no teu ofício! Alguns falam, falam! Outros discutem, injuriam! A maior parte ouve, apenas! E ganham todos o mesmo ordenado. E quem lhes paga? Tu e teus companheiros.

E' bom indagares se algum deles já cuidou dos teus interesses!!

Dos interesses teus estão cuidando desde o primeiro mês!

Um manifesto em Campinas

Os companheiros de Campinas, S. Paulo, movimentam-se. Recebemos, editado por *Um grupo de libertários* um manifesto intitulado *Abaixo os mistificadores*, ata que cerrado ao partido comunista e suas tremendas desnoiteações e velhacadas. Copiamos o seguinte final: «As reivindicações proletárias que, em outros tempos, constituiram a causa de lutas memoráveis, estão sendo subordinadas, por essa gente, a uma série de petições, a abaixo assinados que, além de serem humilhantes ferem fundamentalmente a dignidade humana e atentam contra os princípios que regem a luta social. Aos Comitês Democráticos Progressistas, que são organizações controladas pelo Partido Comunista, são dadas ordens para que façam comemorações de festas religiosas, que só podem interessar ao clericalismo ultramontano, esse polvo insaciável que, em todas as lutas pela liberdade, se tem colocado sempre ao lado dos tiranos e que, por toda a parte, estende, ameaçadoramente, seus tentáculos com o propósito deliberado de asfixiar todas as liberdades públicas. E' por esses caminhos tortuosos que os comunistas vão conduzindo seu rebanho. Frente a essas mistificações, os trabalhadores devem organizar seus sindicatos livres, não admitindo em seu meio politiquinhos de quaisquer tendências, e adotando, como método de luta, a ação direta.

Ao lado dessas organizações de resistência, formemos grupos de cultura social onde, no domínio do pensamento, teremos perspectivas de novos horizontes, onde poderemos debater amplamente os problemas sociais esclarecendo cérebros e robustecendo consciências

e onde, finalmente, compenetrando nos dos nossos direitos, sabremos defendê-los com altivez e dignidade».

— Organiza-se em São Paulo uma *União Proletária Sindicalista*. Visa a reunir o proletariado em agremiações livres, de resistência, cuja base é a *ação direta*. Essa União deve ter lançado no dia 1.º de maio, um vibrante manifesto explicando aos trabalhadores o que significa essa data e concitando-os a repeliem dos seus centros todos os políticos de quaisquer partidos, digam se amarelos, verdes ou vermelhos. Todo partido político é inimigo do proletariado.

De S. PAULO

MORREU JOÃO AGUILAR

Os últimos anos têm sido fatais ao anarquismo brasileiro. Além da ditadura que transviou a mentalidade do operário, a morte abriu claros nefastos. Foram-se Francisco Peralta, Francisco Lopez, ativo jovem de 26 anos, Daniel Conde, Francisco Aroca, o velho Campagnoli, Guerino (de Campinas) e outros.

A's 11 horas do dia 26 de abril, ao sair da fundição onde ocupava cargo de responsabilidade, um dos donos ofereceu-lhe lugar no automóvel. Aguilar, preferiu o caminho dos operários. Numa curva, por manobra vio-

lenta do guieiro, foi arremessado o caminhão contra um poste. Houve sete feridos e um morto, o nosso Aguilar.

Deixa companheira e quatro filhos. Apesar de sua situação na fábrica, João Aguilar continuava anarquista sincero e consciente, companheiro assíduo e ativo em todas as iniciativas.

Ao enterro acudiram os anarquistas de S. Paulo em peso e um companheiro deu-lhe o último adeus em nome de todos. Um bravo militante a menos no Brasil.

DOCUMENTARIO

libertários brasileiros leiam, nos documentos, o modo de pensar, as resoluções e atividades dos militantes nos vários países. Nesta página irão sendo eles arquivados e constituirão uma história viva do anarquismo mundial.

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA

A Sublevação Franco-falangista e a Obra Construtiva do Proletariado Espanhol

Por MANOEL PERES

A ocupação das Baleares.

O professor italiano Camilo Berneri, uma das figuras mais prestigiosas do movimento libertário internacional e que, como Domingo Ascaso, Alfredo Martinez, Andrés Nin e o intelectual uruguaio Ruas, foi brutalmente assassinado pelos fanáticos dissidentes socialistas e comunistas ligados do P. S. U. C., durante os acontecimentos de maio de 1937 em Barcelona, escreveu, pouco antes da sua morte, um interessante folheto que tinha o seguinte título: *Musolini a la conquista de las Baleares*.

Com visão profunda do momento internacional, o grande pensador italiano demonstrava o valor estratégico daquelas ilhas mediterrâneas e o perigo que representava para as liberdades dos povos da Europa a sua ocupação pelas potências do eixo. Prestado este preito de saudade ao querido companheiro de lutas, continuarei a minha exposição sobre a sublevação Franco-falangista.

Prelúdios da sublevação.

No decorrer dos meus artigos, hei de falar muitas vezes de mim sem que nisto exista a menor sombra de vaidade. E' que, para provar a veracidade das minhas afirmações, serei forçado a citar episódios que vivi diretamente durante a guerra. Vejamos:

No dia 15 de julho de 1936, acudi à cidade de Valência, em representação do diário *Solidaridad Obrera* de Barcelona, afim de tomar parte num comício organizado pela Confederação Regional do Trabalho de Levante, que tinha como finalidade combater o perigo da guerra e do fascismo.

Falaram também, nesse comício, os camaradas Juan Rueda, Juan Lopes, que foi mais tarde ministro de comércio no governo de Largo Caballero, e Manuel Vergara, tesoureiro do Comitê Nacional da C. N. T. Após esse comício, Vergara e eu devíamos seguir para Palma de Mallorca, afim de participarmos do comício de encerramento de um congresso regional que seria realizado no dia 19 do mesmo mês.

Vergara partiu sozinho de Valência para Mallorca, pois eu recebi um telegrama de Barcelona ordenando o meu regresso à capital da Catalunha para participar, em união com Federica Montseny e Felix Martí Ibañez e outros camaradas num comício monstro que se faria na Praça de Taurinos, na tarde de sábado, dia 18 de julho, e, nessa mesma noite, eu seguiria para Palma de Mallorca onde me uniria a Manuel Vergara, que, como indiquei, tinha partido diretamente de Valência.

A morte de Calvo Sotelo e o início da sublevação franquista nas Canárias e em Marrocos impediram a celebração do comício de Barcelona já que seria imprudente reunir, num momento de tal gravidade, 100 ou 200 mil pessoas no recinto fechado de um circo taurino.

Para demonstrar que foi o povo quem salvou a Catalunha e outras regiões da Espanha das hordas fascistas, vou citar o seguinte episódio, talvez desconhecido dos camaradas brasileiros. Na noite do dia 17, receberam os camaradas do Sindicato dos Transportes de Barcelona a de-

núncia de que, a bordo do vapor *Marquez de Comillas*, ancorado no porto de Barcelona, existiam grandes quantidades de armas e munições destinadas aos elementos fascistas.

Não vacilaram os camaradas da C. N. T. e, acudindo ao porto, penetraram à força a bordo do *Marquez de Comillas* onde, em realidade, encontraram grande número de armas, em sua maioria pistolas automáticas, fuzis e algumas metralhadoras que transportaram para a sede do sindicato.

Pois bem. As autoridades da República, sabendo que os fascistas tinham iniciado a sublevação em Marrocos e que apenas podiam contar com o concurso dos trabalhadores organizados e algumas forças leais ao regime, longe de animar esses trabalhadores facilitando-lhes meios de defesa contra os sublevados, enviou a sua polícia ao Sindicato do Transporte, com ordens de retirar as armas apreendidas no *Marquez de Comillas*, ao que se opuseram energicamente os militantes do referido sindicato.

Foi mais longe ainda a falta de visão das autoridades da República. Durante a noite, patrulhas de *Guardias de Asalto* percorriam as ruas de Barcelona com ordens terminantes de desarmar os trabalhadores, o que não conseguiram pois estes, vendo o grande perigo que correriam se ficassem inermes, reagiram vigorosamente conservando as suas armas.

E, graças a essa nobre atitude do povo trabalhador, foi possível salvar, não só Barcelona, como também toda a região da Catalunha, de um rápido triunfo das hordas rebeldes, o que acarretaria fatalmente a derrota total em toda a Espanha, naquela manhã trágica de 19 de julho de 1936, quando o General Goded, chegou

de avião de Palma de Mallorca, cuja guarnição sublevara, fato esse que exporei com detalhes ao falar da ocupação das ilhas Baleares pelos italianos.

Citemos ainda, como fato histórico que, na madrugada do dia 19 de julho de 1936, o presidente Companys, em união com o Coronel Perez Farras, comandante dos *Moços de Esquadra*, chamou ao Palácio da *Generalitat* de Catalunha os militantes da C. N. T. e da F. A. I., entre os quais estavam Durruti, Ascaso, Garcia Oliver e Mariano R. Vasquez, para declarar-lhes o seguinte:

«O governo da Catalunha sente-se impotente para fazer frente à sublevação e só o heroísmo dos trabalhadores de Barcelona, tantas vezes posto à prova, e o vosso espírito de sacrifício podem salvar-nos do grave perigo que corremos neste momento histórico para os destinos da Espanha».

Enquanto esses acontecimentos ocorriam em Barcelona, eu seguia para Palma de Mallorca a bordo do vapor *Ciudad de Barcelona* contrariando os conselhos do grande Durruti que, na tarde do dia 18 e no local do Comitê Regional da Catalunha, me dizia o seguinte, ao dar-me o último abraço.

«Velho! fazes mal em abandonar Barcelona neste momento, não esqueças que Mallorca é um feudo de Juan Karch e que este velho cacique é um dos mais ativos auxiliares dos fascistas espanhóis».

Mesmo reconhecendo o perigo indicado por Durruti, eu segui para Mallorca. Como militante consciente, eu me devia à organização e não podia negar o meu concurso onde era necessário.

No próximo artigo, direi como foi ocupada Mallorca pelos italianos e os crimes cometidos pelas hordas de Falange contra os pacíficos habitantes daquela ilha.

O Congresso da Federação Anarquista Mexicana

(Traduzido de *Tierra y Libertad* de 10 de Janeiro de 1946)

Este Congresso marcará uma rota no desenvolvimento e propagação de nossas idéias através de toda a vida laboriosa do México. O espírito combativo de Flores Magón, de Librado Rivera e de Praxedis Guerrero flutuou durante as sessões como lembrança de tempos passados, preparando o terreno para outros de futuras realizações.

Num plano de alta seriedade, de intensa compenetração, discutiram-se problemas de vastas proporções.

Fez-se uma afirmação de princípios, clara, completa e magnífica, e uma defesa da organização anarquista que há de ser exemplo de bondade, de solidariedade, de ajuda mútua e de respeito recíproco entre a grande família ácrata.

Diversos foram os temas tratados, destacando-se, entre eles, o referente à liberdade em seu aspecto global. Frente à liberdade, disseram os companheiros anarquistas mexicanos: «Os instintos de liberdade e de viver dos povos estão despertando. Todavia, estamos sós contra todas as forças religiosas e estatais do globo terráqueo. E temos de reagrupar-nos para dar mais coesão a

nossos esforços e acelerar o derri-bamento deste mundo de iniquidade, de injustiças, de exploração e dominação de um homem por outro, de egoísmos inferiores desenfreados e de guerras que originam os ódios ocasionados pelas questões entre classes privilegiadas para conquistar mais poder e mais dinheiro.»

Discutiu-se, logo, a posição que devem ter os anarquistas ante o problema de aliança e pactos com as organizações obreiras e partidos políticos, afirmando taxativamente que: «Sem pactos nem alianças com *Comitês* políticos que influenciam organizações obreiras — que em realidade são freios que se querem pôr à revolução social — os anarquistas da F. A. M. continuaremos mantendo nossa posição antiparlamentária, antigovernamental, antipolítica, de ação direta, de hostilidade implacável e de guerra aberta contra as formas de opressão, de coação e de dominação.»

Infinidade de temas foram glosados, discutidos e adaptados à futura atuação dos anarquistas organizados para empreender uma obra propagandística no campo, na oficina, na fábrica e em todos os lugares onde impera

AÇÃO DIRETA acha de grande utilidade e interesse traduzir, para os leitores brasileiros, documentos antigos ou modernos, sobretudo estes. Dada a exuberância do movimento anarquista hoje em toda a parte, é de toda importância que os

Congresso dos anarquistas ingleses

Sabe-se que, nos dias 1 e 2 de dezembro de 1945, se realizou em Glasgow, um congresso de delegados provenientes de Londres, Bristol, Newcastle, Paisley e Ayr com os de Glasgow. Deixaram de comparecer os de Liverpool e Nottingham que se desculparam enviando saudações e manifestando-se solidários.

Decidiu-se a criação de uma *União dos Grupos Anarquicos*. Discutiram-se ideais e princípios, meios de propaganda e coordenação, formando-se, para isso, uma *Comissão de Correspondência Internacional*.

Aprovaram-se as seguintes conclusões, publicadas no quinzenário *Freedom* de 15-12-945.

1 Liberdade civil — Assinalando os ataques deliberados e calculados do Estado e seus instrumentos contra as liberdades civis da nação, por meio da conscrição industrial, dos regulamentos de defesa, das leis de emergência, da legislação delegada, das leis trabalhistas, das leis de sedição e da centralização policial, reafirma o Congresso sua convicção de que a liberdade individual é direito inerente e fundamental e não pode ser autorizado, governado ou legislado.

Portanto, resolve nosso movimento continuar na resistência a essas supressões e intensificar sua luta pela liberdade do indivíduo, da imprensa, da palavra e da associação irrestrita.

Prevendo a luta final, entre o governo disposto a conquistar domínio totalitário e os cidadãos que exercem os direitos elementares da humanidade, esta União de Grupos Anarquistas exprime incondicional solidariedade com as vítimas desses ataques à liberdade civil.

2 Fome na Europa — a) Este Congresso reconhece a gravidade da situação alimentar na Europa. A economia capitalista não pode, por sua própria natureza, nem prover a uma produção ade-

quada de alimento, nem distribuir os estoques atuais. Cumpre, pois, aos trabalhadores da Europa apropriarem-se da terra e dos meios de transporte afim de prover às necessidades da população.

b) Mas, se milhares e milhões de vidas têm de ser salvas da morte este inverno, só o serão enviando-se, para a Europa, alimentos de fora. As medidas meramente caritativas são de todo inoperantes. E' dever das classes obreiras neste país e na América, promover, por ação direta, a remessa de suprimentos de urgência.

c) Ao mesmo tempo, requer-se a máxima vigilância dos trabalhadores para impedir que os governos do mundo empreguem o *auxílio alimentar* para conseguir a derrota das aspirações das classes obreiras nas regiões es-faimadas. O Congresso compromete-se a trabalhar para esses fins.

3 Intervenção no Oriente — A União dos Grupos Anarquistas deplora e condena as autoridades responsáveis pelas intervenções no extremo oriente e apela para os trabalhadores do ocidente, que demonstrem, por quaisquer meios ao seu alcance, mas, preferivelmente, por ação direta industrial, sua solidariedade com os anelos dos trabalhadores coloniais em sua luta contra o imperialismo.

4 Energia atômica — Assenta a União dos Grupos Anarquistas que a aplicação da energia atômica às necessidades diárias reclama, com mais instância, a aplicação das teorias econômicas anarquistas, pois que a abolição do seu uso a fins destrutivos só se assegurará com a realização dos ensinamentos fundamentais do anarquismo, tais como a supressão do Estado, das fronteiras, e o advento de uma organização internacional de trabalhadores.

5 A Rússia e os Comunistas — A política imperialista do governo russo tem causado opressão e infinitos sofrimentos a milhões de pessoas dentro e fora da Rússia e desfez o mito do «único país socialista do mundo».

Na Polônia, Rumânia, Hungria e todos os países geridos pela Rússia, o povo sofre fome e está privado das mais elementares liberdades. Em outros países, o Partido Comunista se tem aliado aos partidos reacionários, à realza e à Igreja e, com os capitalistas, desaprovou as greves, como no último congresso desse partido, em nosso país.

A União dos Grupos Anarquistas condena, pois, a política do governo russo e o Partido Comunista como opostos aos interesses dos trabalhadores e da liberdade.

6 Solidariedade Internacional — A União dos Grupos Anarquistas reafirma sua determinação, na paz como durante os longos anos de guerra, propagar, quanto possa os ideais de liberdade e a Fraternidade Internacional dos Homens e aproveitar esta oportunidade de enviar aos Anarquistas e grupos anarquistas de todo, o mundo suas saudações fraternas. Lembramos-nos, especialmente, dos camaradas desses países onde, a despeito de anos de repressão e perseguição, os

(Conclui na página 3)